



Migração de retorno no nordeste: uma análise sobre preconceito, questões de gênero e relações de trabalho

Maria Isabel Medeiros Mariz*, Fernanda Fernandes Gurgel e Raquel Farias Diniz

Faculdade Caicoense Santa Terezinha, Rua Manoel Elpídio, 258, 59300-000, Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: psimisabelmm@gmail.com

RESUMO. O objetivo desta pesquisa foi investigar a migração de retorno, no contexto nordestino brasileiro, a fim de conhecer quais as implicações psicosocioambientais desse processo na experiência da pessoa migrante. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa exploratória. Para isso, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, tendo como base a autobiografia ambiental, focando na história de vida das pessoas. O grupo de participantes foi escolhido tendo como base os seguintes critérios: ter mais de 30 anos, viver numa cidade de porte pequeno, ter vivido em outras regiões do país, diferentes do Nordeste, por pelo menos 1 ano. Ao todo, foram realizadas 9 entrevistas. Os dados foram analisados de forma indutiva, com base na Teoria Fundamentada. Os resultados dialogam com os de outros estudos acerca da experiência migrante, assim como enfatiza as especificidades da experiência da migração de retorno, e da migração interna entre Nordeste e Sudeste. As falas dos participantes permitem ressaltar três categorias relacionadas a essa experiência: xenofobia, questões de gênero e trabalho, além dos paralelos da relação pessoa-ambiente com os territórios de origem e de destino. Dessa forma, o estudo contribui para o debate sobre cidades de pequeno porte e, conseqüentemente, sobre a atuação da psicologia nesses territórios. Além disso, trata-se de um estudo sobre as vivências de uma migração interna, diferenciando-se da maioria, que foca nas migrações externas.

Palavras-chave: territorialidade; psicologia ambiental; autobiografia ambiental.

Return migration in the northeast: a look at person-environment relationships

ABSTRACT. The objective of this research was to investigate return migration in the Brazilian Northeast, in order to understand the psychosocial and environmental implications of this process on the experience of migrants. The research used an exploratory qualitative approach. To this end, data collection was carried out through semi-structured interviews, based on environmental autobiography, focusing on the life stories of the individuals. The group of participants was selected based on the following criteria: being over 30 years old, living in a small city, and having lived in other regions of the country, other than the Northeast, for at least 1 year. In total, 9 interviews were conducted. The data were analyzed inductively, based on Grounded Theory. The results are in line with those of other studies on the migrant experience, as well as emphasizing the specificities of the experience of return migration and internal migration between the Northeast and Southeast. The participants' statements allow us to highlight three categories related to this experience: xenophobia, gender issues, and work, in addition to the parallels of the person-environment relationship with the territories of origin and destination. In this way, the study contributed to the debate on small cities and, consequently, to the role of psychology in these territories. Furthermore, it is a study on the experiences of internal migration, differentiating itself from the majority, which focuses on external migrations.

Keywords: territoriality; environmental psychology; environmental autobiography.

Received on February 28, 2025.

Accepted on July 8, 2025.

Introdução

A migração é um fenômeno que tem a mudança como processo central. No decorrer da história, as pessoas têm se movimentado por diferentes países, regiões, estados e cidades. Diversas são as motivações, desde guerra, fome, conflitos e fenômenos da natureza, porém todas buscam sobrevivência e condições de vida melhores. Os registros evidenciam que as primeiras civilizações se organizavam em grupos e procuravam áreas propícias para o cultivo (Gonçalves & Otte, 2019). Essa ideia dialoga com as ideias de Brito e Tsallis (2021), que também compreende que

esses deslocamentos podem ter diversas motivações, sendo por desejo ou necessidade, e que “[...] às vezes são obrigadas. Expulsas. Fogem. Às vezes o deslocamento é uma questão (de) sobre-viver. Fome. Sede. Guerras. Perseguições. Intolerância. Discriminação. Violências” (Brito & Tsallis, 2021, p.133).

Dessa forma, entendemos a migração como uma atividade humana que se repete em contextos sociais, motivos e grupos distintos. A compreensão do fenômeno migratório específico deve se desenvolver a partir do entendimento do contexto sócio-histórico em que ele ocorre, construídos e reconstruídos a partir das necessidades de determinado momento histórico (Fiorenzano & Barros, 2022).

Devido a sua relevância, a pauta sobre migração, hoje, tem ocupado lugar primordial nos debates, permitindo refletir sobre as mudanças ocasionadas pela globalização, sendo elas de ordem cultural, social, econômica e política. Logo, não se pode desvincular esse fenômeno do contexto histórico que está inserido (Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, 2024).

Existem diversas possíveis classificações de migração, a depender de fatores como tempo, permanência e frequência. Alguns exemplos são: voluntária, forçada, contínua, intermitente e outras. Este estudo tem como objeto central a migração inter-regional e de retorno, que é caracterizada pelo retorno ao local de origem após ter vivido em um território de destino, sendo estes localizados em diferentes regiões (Lopes, 2010). Pode ainda ser definida como:

Deslocamento de pessoas que regressam ao seu país de origem ou de residência habitual. Este retorno pode ou não ser voluntário. A migração de retorno inclui o repatriamento voluntário. Em suma, refere-se ao ato ou ao processo de regressar ao país de origem. Existem subcategorias de retorno que podem descrever a forma como o retorno é implementado, por exemplo, retorno voluntário, forçado, assistido e espontâneo (Conselho Federal de Psicologia, 2024, p.7).

Devido à concentração de bens e serviços estar localizada nos grandes centros urbanos, as pessoas saem dos pequenos centros em busca de trabalho, lazer e profissionalização (Lopes, 2010). Muitas vezes, as expectativas não são atendidas, e elas decidem retornar motivadas pelos altos preços de serviços cotidianos (aluguel, água, alimento), violência, e até mesmo o desemprego (Mancuso & Ramiro, 2010).

Assim, as pessoas que vivenciam esta situação são desprovidas dos direitos ao acesso de serviços em seus próprios locais de origem e, de alguma forma, são obrigadas a migrar. Em decorrência disso, elas necessitam se mudar para sobreviver neste novo ambiente, enfrentando novas formas de trabalho, circulação, de relações e, acima de tudo, outras formas de ser. Por meio da vivência com novas pessoas, e a partir da construção dessa nova identidade, são criadas novas territorialidades (Santos, 2007). Portanto, falar sobre a migração é falar também de território, visto que este é o palco onde as pessoas existem, trabalham e se relacionam (Santos, 2000).

Diferentes áreas têm se dedicado ao fenômeno da migração, entre elas a psicologia. Ao longo da construção desse campo, tem-se estudado fenômenos demasiadamente urbanos, desconsiderando as particularidades das ruralidades (Landini, 2015). Somente há 30 anos, ela tem focado nos contextos das pequenas cidades, sendo, certamente, ainda necessárias as discussões mais críticas que possam fundamentar a atuação nestes contextos (Silva & Macêdo, 2017). A interiorização da profissão, por meio do surgimento de políticas de saúde e assistência em todos os municípios, não somente nos de grande porte, foram razões fundamentais para a aproximação entre as ruralidades e a psicologia. Logo, os profissionais ocuparam esses espaços e se aproximaram da realidade estudada (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

A Psicologia Ambiental, integrante dos estudos sobre as relações Pessoa-Ambiente, parte de uma tradição de investigações que aborda os “[...] aspectos psicológicos das relações bidirecionais entre as pessoas e o ambiente sociofísico, em suas dimensões espaço-temporais [...]” (Pinheiro et al., 2019, p.91), e que considera a relação entre quatro eixos analíticos: pessoas (indivíduos ou grupos); ambientes físicos; fenômenos (gerados pela interação entre os dois eixos anteriores) e tempo (Moore, 1987; Pinheiro et al., 2019).

A abordagem dos fenômenos, a partir de uma ótica psicossocioambiental aponta a indissociabilidade entre as experiências dos diversos grupos humanos e os ambientes em que tais experiências ocorrem, numa relação de mútua influência (Farias et al., 2019). Este estudo decorre da necessidade de abordar os diferentes aspectos do fenômeno da migração, tais como os psicossociais (aspectos sociodemográficos, motivação para migrar, trabalho, xenofobia, contato com diferentes grupos e costumes, relações familiares) e os ambientais (territórios envolvidos, o de origem e o de destino, deslocamento entre as diferentes regiões do país), tendo como base a Psicologia Socioambiental (Tassara et al., 2014; Massola & Silva Júnior, 2019), que leva em consideração as determinações histórico-sociais das questões ambientais, na relação com a subjetividade humana, e as leituras do campo psicossocial (Fiuza et al., 2018; Bizarria et al., 2024).

É necessário que o profissional da psicologia esteja comprometido com os atravessamentos culturais que rodeiam o contato com a pessoa migrante, buscando informações sobre as características do local de origem.

Isso pode potencializar e direcionar a eficácia das intervenções e o estreitamento dos vínculos. Além disso, é importante ser e estar capacitado para atuar junto com a rede, pois a população migrante pode necessitar dos serviços nos mais diversos campos: saúde, jurídico e social, por exemplo. Além de ser imprescindível a sensibilização na avaliação das necessidades das pessoas, sabendo que muitas delas são sociais e nem mesmo reconhecidas (Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, 2024).

No mais, nenhuma área sozinha apreende fenômenos, sendo imprescindível a relação com outros campos. Neste trabalho, buscaram-se autores de diferentes disciplinas e categorias, como história, geografia e ciências sociais. A interdisciplinaridade aqui adotada não diz respeito a uma colcha de retalhos, mas sim, parte do pressuposto que os fenômenos possuem diversas facetas e todas elas devem ser levadas em consideração no estudo. Quando não realizado dessa maneira, essa compreensão apresentará uma relação incompleta da totalidade. Nas palavras de Santos (1978, p. 130) “[...] não há porque temer a invasão do campo do outro especialista”. Nesse mesmo sentido, este estudo se fundamentou em referências do campo interdisciplinar das relações pessoa-ambiente, para melhor definir e abranger o objeto de estudo, de forma que a psicologia sozinha seria insuficiente.

O estudo teve o seguinte questionamento: considerando o contexto de país e região periféricos, quais as implicações psicosocioambientais da migração campo-cidade-campo na experiência da pessoa migrante? Para isso, o objetivo foi investigar como a migração de retorno, no contexto do Nordeste brasileiro, impacta a experiência da pessoa migrante, levando em consideração aspectos psicosocioambientais. Procurou-se também explorar a dimensão sociofísica da experiência migrante.

Método

O estudo em questão utilizou uma abordagem qualitativa, de base interpretativa, e tem caráter exploratório. A escolha por este tipo de pesquisa justifica-se pela pretensão em compreender o fenômeno da migração a partir da sua totalidade, excluindo-se a tentativa de prever ou mensurar (Rueda, 1999). O método escolhido foi a pesquisa narrativa, por meio da autobiografia ambiental e entrevista semiestruturada. Assim, foi possível conhecer as histórias de vida das pessoas migrantes, sendo elas as protagonistas.

A autobiografia ambiental foi escolhida pela possibilidade da pessoa entrevistada narrar sua história a partir dos lugares presentes e passados, destacando suas relações afetivas e cognitivas com os espaços. Como estratégia oriunda do campo da Psicologia Ambiental, ela se distingue da autobiografia por não dar ênfase aos nomes das pessoas ou em datas, mas sim realçando os detalhes dos lugares e dos sentimentos vivenciados neles e com eles (Elali & Pinheiro, 2008; Oliveira & Mourthé, 2024).

A autobiografia ambiental é uma técnica que pode ser realizada tanto no início do estudo, quanto no final, adicionando novas ideias. Sobre o modo de execução, pode incluir tanto os elementos verbais, quanto os não-verbais, utilizando-se de textos, fotografias, desenhos, relatos orais, a depender da necessidade do estudo. Uma das vantagens da aplicação dessa técnica é a possibilidade de rever o seu produto sempre que necessário, na qual a participante da pesquisa pode descrever sua história de forma livre, destacando o que para ela é mais importante (Elali & Pinheiro, 2008). No estudo em questão, foram utilizados elementos verbais, e foram evocadas memórias e experiências de diferentes ambientes: de partida, de chegada, trajeto e retorno. Esses elementos surgiram por meio dos relatos, que foram conduzidos pela entrevista.

A pesquisa foi realizada em uma cidade de pequeno porte (Sposito & Silva, 2013) localizada no interior do Rio Grande do Norte. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023), existem 5570 municípios no país e, desse total, quase metade dos municípios brasileiros (44,8%) tem até 10 mil habitantes. Isto é, o Brasil é um país composto, em sua quase maioria, por cidades de pequeno porte. Essas cidades abarcam singularidades tanto do aspecto rural, quanto do urbano. Devido ao processo de modernização, os espaços foram transformados, e isso incluiu também os locais menos populosos. As pequenas cidades vivenciam questões típicas das grandes cidades, como apropriação e ressignificação de culturas, hábitos do modo de vida rural, por exemplo, a criação de animais, plantas e realização de feiras (Silva & Toledo, 2023).

A escolha por este local se deu em decorrência da cidade ser um exemplo de município de pequeno porte, e por fazer parte do circuito inferior da economia, segundo Santos (1979). Isto é, é um espaço que não detém bens e serviços, dependendo das cidades maiores, o que possibilita a saída dos moradores para outros locais em busca de condições melhores de vida.

O número de participantes não foi definido previamente, tendo em vista que a pesquisa qualitativa não busca generalizações, mas sim aprofundamento e diversidade (Minayo, 2017). Os 9 (nove) participantes estão

divididos entre homens e mulheres, nascidos entre 1954 e 1987. O tempo de moradia em outra região variou entre 1 (um) ano e 10 (dez) meses e 26 (vinte e seis) anos, e todos viveram este período na região Sudeste, entre os estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre a escolaridade dessas pessoas, 5 (cinco) têm ensino fundamental incompleto, algumas não têm alfabetização, e somente 1 (uma) pessoa possui graduação e pós-graduação. As pessoas foram escolhidas por indicação de amigos e familiares da pesquisadora, tendo como critério de inclusão a vivência de uma experiência de migração para fora da região Nordeste, retornando posteriormente ao município de origem. Utilizou-se codinomes, a fim de garantir confidencialidade das identidades, e estes foram escolhidos com base em artistas do Nordeste.

O convite para a participação da pesquisa realizou-se, inicialmente, de forma virtual. Porém, devido às negativas, decidiu-se visitar as pessoas em suas casas e conversar sobre a pesquisa. Esta última estratégia funcionou melhor quando comparada à primeira. Isso se deve, entre outros motivos, à falta de costume dessas pessoas em participar de pesquisas, bem como pelo distanciamento e formalização causados pela comunicação virtual.

A coleta de dados ocorreu de forma presencial, na residência das pessoas e da pesquisadora, de acordo com dia e horário estabelecidos previamente no convite. As pessoas puderam escolher um local de preferência na cidade, onde a entrevista seria realizada. Essa escolha ficou limitada pelo distanciamento social e restrições de circulação, impostos pela pandemia de Covid-19. Inicialmente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Gravação de Voz, ambos avaliados pelo comitê de ética, sob o número CAAE 49781721.6.0000.5537. Após a explicação da importância da pesquisa, objetivos, riscos e benefícios, assim como a finalidade de gravar a fala, a investigação teve continuidade.

Os dados foram analisados de acordo com a teoria fundamentada, tal como proposta por Charmaz (2009). Foram transcritas as passagens consideradas mais relevantes de cada entrevista, partindo do proposto pela empiria e literatura. Após esta fase, os trechos foram codificados inicialmente, considerando quais características eram mais significativas de cada participante. A codificação especializada, feita posteriormente, permitiu comparar os códigos, resultando no surgimento de categorias. Enfatiza-se que este não foi um processo linear, portanto, ao longo do tempo, as entrevistas foram ouvidas diversas vezes e, a cada etapa, apareceram novas informações.

O roteiro da entrevista foi dividido em perguntas que abarcassem a experiência do indivíduo com o ambiente, tanto de saída quanto de chegada. A questão de partida era a seguinte: gostaria que contasse um pouco sobre esse processo de sair do seu local de origem, viver em um outro e voltar. Já que era semiestruturada, havia algumas questões que buscavam compreender categorias como identidade: ‘com quem você convivia no território de destino? Sentia falta de algo do território de partida? Como era ser nordestino vivendo no Sudeste? Existia preconceito?’.

No processo de análise das entrevistas, surgiram quatro categorias principais: motivações de saída e retorno, trabalho, ambiente e relações. Assim, no processo de análise, emergiram três categorias principais que serão discutidas na próxima seção. São elas: preconceito e xenofobia, questões de gênero e relações de trabalho.

Resultados e discussão

Os resultados dialogam com achados de outros estudos, acerca da experiência migrante em geral, assim como revelam especificidades da experiência da migração de retorno, e da migração oriunda de uma cidade do interior do Nordeste. As narrativas nos ajudam a lançar luz sobre três aspectos atrelados a essa experiência – xenofobia, questões de gênero e trabalho –, dando pistas sobre a dimensão psicossocioambiental, a partir das relações estabelecidas com o território de origem e o território de destino.

Experiências de preconceito e xenofobia

A xenofobia é uma prática discriminatória, que tem como base os estereótipos e preconceitos contra pessoas de um outro lugar, desde que essas sejam vistas ou julgadas pelo sujeito ou por seu grupo como piores. Esse tipo de preconceito não se limita a estrangeiros de outro país, mas também contra grupos do mesmo país, inclusive do Sul contra o Nordeste. Enquanto o Sul é sinônimo de modernidade e branquitude, o Nordeste é o oposto, sendo relacionado ao atraso, pobreza e mestiçagem (Ramos, 2021). Isto é, a xenofobia é sustentada pela ideia de que existe um povo e, conseqüentemente, um território que é superior ao outro, e isso, muitas vezes, em decorrência de fatores como a mídia e os discursos políticos.

Um dos questionamentos direcionados às pessoas entrevistadas era o seguinte: como é ser uma pessoa nordestina vivendo na região do Sudeste. Elas relataram, em geral, terem vivido preconceito durante o

processo migratório, e outras afirmaram que não vivenciaram, porém, citaram ‘brincadeiras’, como disse Geraldo: “[...] olha o comedor de farinha do Nordeste, mas brincando, sabe?”. Do mesmo modo, a participante Pitty mencionou:

Quando fui para uma empresa, eu era a única pessoa não-natural do estado do Rio de Janeiro, e as pessoas riam do meu sotaque. Os meus ditados populares, que eu tinha aqui, soavam estranhos lá. As pessoas não entendiam, e ficavam falando por diversas vezes ‘nossa, seu sotaque é tão engraçado’. Começavam a rir, sabe? (Pitty - grifo nosso).

Historicamente, o Nordeste foi construído e marcado como uma região em que as pessoas vivenciam a fome e a pobreza. Essa imagem é reforçada pela repetição de discursos afirmativos que são atravessados por relações de saber e poder (Albuquerque Júnior, 2011). Esses discursos, também, aparecem por meio do humor e da brincadeira, como disse a última participante, expressando algo que é oculto e proibido de ser falado de maneira direta. Entre as características da piada, existe o duplo sentido, que dá margem para a dúvida sobre a veracidade do fato (Facin & Spessatto, 2007).

Ainda no contexto de trabalho, um participante relatou que os empregadores costumam contratar pessoas que são da região Sudeste, mesmo quando o nordestino é mais qualificado para o cargo: “[...] não confia você entrar na casa dele, no emprego eles dão preferência. Eu acredito que já está mudando, porque já tem muito nordestino morando lá” (Augusto). Ele também comentou sobre o preconceito vivido em relacionamentos de namoro e amizade entre pessoas do Nordeste e do Sudeste: “[...] as casas de forró só iam nordestinos, aí lá a gente se conhecia, se namorava. Paulista não frequenta esses lugares. Raramente. Eu mesmo cheguei a convidar uns amigos paulistas, mas eles davam uma desculpa e não iam”.

A xenofobia é, também, expressa quando há uma confusão na fala entre quais seriam os estados do Nordeste, e isso surge em comentários como os expostos a seguir: “[...] você abrisse a boca pra falar qualquer coisa, o paulista falava: esse aí é baiano” (Augusto); “[...] olha o baiano! Lá eles misturam uma coisa com a outra” (Geraldo).

Sobre estas distinções entre as regiões e seus estados, as análises de Albuquerque Júnior (2011) lançam luz sobre as relações desiguais, tanto do ponto de vista material, quanto simbólico. De acordo com o autor, até o início do século XX, o Brasil era dividido entre Norte e Sul. Em decorrência de fatores políticos e econômicos, a centralidade que estava concentrada no norte do país foi transferida para o sul. Alguns estudiosos se utilizavam de teorias naturalistas, que justificavam que essa mudança ocorreu devido ao povo sulista apresentar pele clara, e que os nortistas apresentavam pele negra, questionando os efeitos do calor no desenvolvimento de doenças físicas e psicológicas.

Ainda segundo Albuquerque Júnior (2011), a invenção do Nordeste ocorreu inicialmente pelo sentimento nacionalista e a descentralidade dessas atividades. Posteriormente, pelo descobrimento da seca como tema que mobilizava sentimentos e recursos. A chamada indústria da seca passou a se configurar como principal atividade dessa região, vinculada à imagem de um local repleto de um povo miserável, flagelado e esquecido pelo poder público.

Questões de gênero no contexto da migração de retorno

Sabe-se que, em decorrência da construção dos papéis sociais acerca do gênero feminino, da divisão e da hierarquização social do trabalho, é da responsabilidade da mulher o trabalho doméstico, o trabalho reprodutivo (Saffioti, 2013). Elas não conseguem se distanciar das atividades domésticas nem quando trabalham fora de casa e, conseqüentemente, há um acúmulo das funções (Medeiros & Pinheiro, 2018).

Não só o trabalho doméstico, como também a função de cuidadora (ex. crianças, idosos), é muitas vezes atribuída a essas pessoas, e são atravessadas por questões de idade, escolaridade e ser migrante. São muitos os casos em que mulheres na condição de migrantes trabalham como empregadas domésticas, principalmente, as da região Nordeste (Guedes & Monçores, 2019).

A construção desses papéis influencia no processo de socialização, nos valores culturais e nas subjetividades (Azevedo & Dutra, 2019). Então, uma mulher que decide sair de casa como migrante, buscando alternativas de vida, representa um modo de resistência à repetição desses lugares enraizados sobre o ser mulher, mãe, dona de casa e cuidadora. Algo evidenciado na fala da participante Pitty - grifo nosso: “[...] eu sempre tive muita vontade de morar fora, sempre foi meu sonho, ‘mainha’ sempre ficava chateada porque eu era a única mulher e a única que queria morar fora”.

A iniciativa de migrar, por parte das mulheres, provoca reações diferentes em relação à forma com que os homens migrantes relataram as reações por parte dos familiares, sendo estes favoráveis e os incentivando. A

exemplo disso tem a fala de Chico, que ao expressar seu desejo por migrar, relatou que ouviu dos seus pais o seguinte conselho: “[...] eu sei que aqui não tem vida para ninguém, vocês procurem a vida lá fora”. O homem decide migrar por ocupar socialmente o lugar de provedor da família, sendo dele a responsabilidade de satisfazer as necessidades materiais, enquanto que, à mulher, é imposta a atribuição de cuidar dos filhos e do lar, acumulando extenuantes horas de trabalho (Gonzaga, 2021).

A mulher no papel de mãe surge também como alguém importante que permaneceu no território de origem: “[...] eu era muito apegado à minha mãe, aos meus pais, e meu pensamento era ficar aqui” (Luiz). Percebe-se que há um incentivo para a migração, mas há, também, um sentimento de saudade pelas figuras maternas que permaneceram nos locais de origem.

Em relação às atividades desempenhadas pelas mulheres em sua condição de migrantes na região Sudeste, elas afirmaram ser trabalhadoras domésticas em suas próprias casas, ou nas casas de outras pessoas, nas cidades de destino. Somente a participante Elba trabalhava como vendedora ambulante de cama, mesa, banho e cosméticos. A fala de Nísia revela a manutenção de seu papel como dona de casa e cuidadora mesmo no contexto da migração: “[...] meu dia a dia era em casa, só cuidava da casa, sabe, da comida, da casa. Ia deixar no colégio (o filho), ia buscar. Quando eu me separei, foi que eu comecei a trabalhar”. Ela relatou ter passado por dificuldades financeiras junto ao ex-companheiro, porém, só começou a trabalhar fora de casa quando se separou, apesar de ter permanecido cuidando do filho e do que dizia respeito a ele.

Relações de trabalho na experiência migrante

O trabalho apareceu na fala das participantes de forma recorrente, e ocupa centralidade na vida delas. Segundo Peto e Veríssimo (2018), sob o referencial do materialismo histórico-dialético, a concretude do ser humano se dá por meio da relação com o trabalho, e, conseqüentemente, da transformação da natureza. Sabe-se que é um fenômeno amplo e que se torna necessário falar sobre migração associada ao trabalho, tendo em vista que a precariedade dele, ou a ausência de oportunidades, são algumas das principais motivações para a saída dessas pessoas para o Sudeste.

Contando sobre sua história, o participante Geraldo afirma: “[...] a gente pescava, aí fomos para São Paulo, e daí começamos a ir e vir. A gente morava no sítio, veio morar aqui, e aí, daqui, começamos a andar para lá”. Ele e a família saíram da zona rural para a zona urbana da cidade de origem, e então decidiram migrar para outra região.

Diferente dos participantes homens, antes de migrar, 2 (duas) das 4 (quatro) mulheres participantes trabalhavam em comércios de pequeno porte. Elba trabalhou com vendas durante toda sua vida e afirma se identificar com o ramo: “[...] eu também tinha uma vendinha no bairro, em 2000. Sempre gostei de comércio, de venda”. Já Nísia relatou ter trabalhado em diferentes comércios antes de sua saída: “Eu trabalhava na loja de B., trabalhei com N. e fui pra B. Estudei até a oitava série”. Há grande rotatividade de funcionários nos comércios da cidade em questão, o que talvez justifique as vivências dela. A participante Pitty, quando falou das motivações de saída, mencionou o comércio como uma das únicas oportunidades de trabalho neste local, o que confirma o que foi ouvido: “[...] ou você trabalha com comércio, ou tem sua coisa, ou não tem muita opção do que trabalhar”.

As cidades pequenas ou locais, segundo Santos (1979), têm uma forma peculiar de organização que é baseada na subsistência. Elas atendem às necessidades imediatas da população e, geralmente, estão localizadas na periferia do sistema urbano, ou seja, dependendo dos grandes pólos industriais. A descrição das ocupações dos participantes antes de migrar é baseada justamente em atividades de agricultura e de pequenos comércios, atendendo a uma demanda criada pelo sistema.

Diante da realidade exposta, as pessoas tendem a buscar condições de vida melhores em outras regiões. Isso acontece, segundo Mancuso e Ramiro (2010), devido a promessa de crescimento econômico e social nas grandes cidades, mas essas são permeadas por questões como violência, alto valor dos serviços básicos e desemprego. A imagem de cidade grande vendida pela mídia, como a ‘fada madrinha das oportunidades’, difere da realidade encontrada e vivida pelos migrantes.

Isso se evidencia nas condições de trabalho no local de destino, no qual 4 (quatro) homens trabalhavam em construção civil e 1 (um) com marcenaria. A maioria assumiu empregos informais e com jornadas exaustivas, o que ocasionava adoecimento e acidentes de trabalho. O participante Luiz, quando questionado sobre o momento mais marcante do período que morou em São Paulo, disse: “[...] por uma sorte eu não morri lá, eu não esqueço nunca isso que aconteceu comigo, tava dependurado em um prédio, 15º andar, aí aconteceu um negócio lá e eu fiquei dependurado só por uma perna”.

Outras ocasiões foram relatadas: “[...] a gente trabalhava em prédio, no alto, ave Maria, tinha que usar duas calças, às vezes tinha que colocar um jornal dentro da bota. A época do frio lá é sofrida” (Chico). Assim como a seguinte: “[...] trabalhava em obra, em alojamento, aí quando levamos mãe, alugamos uma casa lá, aí tinha onde ficar” (Geraldo). Ambos os migrantes foram submetidos a situações de risco e perigo no trabalho, uma vez que executavam certas tarefas sem os equipamentos de proteção e roupas adequados.

Os relatos acima sobre moradia precária, falta de equipamentos de proteção individual, bem como acidentes, destacam a precariedade e informalidade dos vínculos de trabalho. Mesmo existindo uma dificuldade em conceituar a informalidade, há um determinante em comum nas denominações, que é o fato dela compreender trabalhos, atividades e rendas que não consideram regras expostas pelas leis e procedimentos. O trabalho informal retrata a globalização do modo capitalista e é permeado pela reestruturação produtiva (Cacciamali, 2000).

Este tipo de trabalho está presente na indústria da construção civil, uma vez que muitos trabalhadores não têm a segurança de acordos formais, o que possibilita a ausência de direitos trabalhistas, previdenciários e sociais. Um dos aspectos apontados como negativo em relação ao trabalho em construção civil é a falta de cobertura da previdência em casos de acidentes, demonstrando que os riscos dessa ocorrência são concretos (Oliveira & Iriart, 2008).

Vale salientar que as principais atividades econômicas dos participantes, antes do processo migratório, faziam parte do setor primário da economia e, quando retornaram, continuaram a exercer as mesmas atividades e funções anteriores. Isso permite entender que há modos de vida instituídos nesses espaços de pertencimento na pequena cidade que sofreram poucas alterações, apesar dos movimentos migratórios.

Conclusão

As histórias de vida contadas por meio da pesquisa narrativa foram fundamentais na compreensão do fenômeno e de suas facetas. As experiências foram atravessadas por questões como gênero, geração, raça e condição socioeconômica. O fluxo migratório das pessoas entrevistadas ocorreu em diferentes décadas, o que agrega particularidades a cada experiência. Logo, são vivências únicas e coletivas ao mesmo tempo, visto que expressam a realidade das pessoas de uma mesma cidade e região.

Destacamos o atravessamento das questões de gênero na migração, a centralidade do trabalho e o preconceito vivenciado no local de destino. Assim, ressaltamos a relevância dos espaços que se destacaram neste processo e a influência desses na migração. Tais aspectos contribuem para a ampliação do olhar da Psicologia Ambiental, reconhecendo múltiplos atravessamentos nas relações pessoa-ambiente.

Ao abordar um fenômeno já amplamente discutido como a migração, a partir da perspectiva e das experiências advindas do contexto do interior nordestino, pode-se dizer que este estudo contribui para tornar visíveis modos de vida e de espacialidades que escapam à psicologia de modo geral. Cabe ressaltar que os relatos produzidos a partir das entrevistas são fruto da experiência da migração de retorno, ou seja, uma experiência presente que envolve um distanciamento das experiências passadas no contexto da cidade de destino. Nesse sentido, compreendemos que retornar como migrante ao seu lugar de origem possibilita um chão seguro, de onde se pode rememorar e ressignificar afetos e sentidos inerentes a tais experiências.

Por fim, recomenda-se em pesquisas futuras a proposta de utilização de instrumentos como fotos, desenhos e vídeos, assim como a realização de coleta de dados com grupos, partindo do pressuposto que a migração é um fenômeno coletivo.

Referências

- Albuquerque Júnior, D. M. (2011). *A invenção do nordeste e outras artes*. Cortez.
- Azevedo, A. K. S., & Dutra, E. M. S. (2019). Era uma vez uma história sem história: pensando o ser mulher no Nordeste. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 1-14.
- Bizarria, F. P. A., Sousa, I. P. S., Oliveira, M. S., Pinheiro, L. V. S., & Barbosa, F. L. S. (2024). Racismo ambiental na perspectiva psico-socioambiental: exercício analítico no contexto das contribuições de Enrique Leff. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, 19(9), 126-147. <https://doi.org/10.34024/revbea.2024.v19.19376>
- Brito, M. A. M. & Tsallis, A. C. (2021). Retirâncias: o que nos move pelo mundo? In T. M. Farias, N. Olekzechen, & M. A. M. Brito (Orgs.), *Relações pessoa-ambiente na América Latina: perspectivas críticas, territorialidades e resistências* (pp. 131-144). Abrapso Editora.

- Cacciamali, M. C. (2000). Globalização e processo de informalidade. *Economia e Sociedade*, (14), 153-174. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643124/10674>
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: um guia prático para análise qualitativa*. Artmed.
- ral de Psicologia. (2019). *Referências técnicas para atuação das (os) psicólogas (os) em questões relativas a terra*. CFP.
- Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais. (2024). *Guia: migração, refúgio, tráfico de pessoas e subjetividades*. CRP-MG.
- Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). Autobiografia ambiental: buscando afetos e cognições da experiência com ambientes. In J. Q. Pinheiro, & H. Günther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 217-252). Casa do Psicólogo
- Facin, D., & Spessatto, M. B. (2007). O preconceito linguístico em tetos de humor: uma piada sem graça. *Roteiro*, 32(2), 245-264.
- Farias, T. M., Gurgel, F. F., Pinheiro, L. V. S., Mascarenhas, G. P., & Diniz, R. F. (2019). Crítica, ambiente e psicologia: aspectos psicossocioambientais e modos de vida no semiárido nordestino. In B. Medrado, & M. M. Teti (Eds.), *Problemas, controvérsias e desafios atuais em Psicologia Social* (pp. 44-64). Abrapso
- Fiorenzano, O. H. C., & Barros, C. R. (2022). Migração e diáspora: breve análise da mobilidade haitiana e suas contribuições para a psicologia. *Pretextos*, 6(12), 95-111.
- Fiuza, A. C., Costa, S. L., & Loureiro, C. F. (2018). Caminhos para uma abordagem psico-socioambiental: contribuições da psicossociologia para as discussões socioambientais. *Revista Psicologia Política*, 18(41), 42-54.
- Gonçalves, A. L. & Otte, H. (2019). O êxodo rural e urbano por uma visão da inovação tecnológica. *E-revista LOGO*, 9(3), 2238-2542. <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/eRevistaLOGO/article/view/5314>
- Gonzaga, M. N. (2021). Experiências de homens trabalhadores braçais do setor da construção civil que migram no interior para a capital Baiana. *Revista Novos Olhares Sociais*, 4(2), 265-285.
- Guedes, G. P., & Monçores, E. (2019). Empregadas domésticas e cuidadoras profissionais: compartilhando as fronteiras da precariedade. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 36, 1-24. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0083>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Censo demográfico 2022: primeiros resultados – população e domicílios*. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf>
- Landini, F. (2015). La noción de psicología rural y sus desafíos en el contexto latinoamericano. In F. Landini (Org.), *Hacia una psicología rural latinoamericana* (pp. 21-34). CLACSO.
- Lopes, D. M. F. (2010). Cidades pequenas no semiárido: dinâmicas sociodemográficas e marginalização. In D. M. F. Lopes, & W. Henrique (Orgs.), *Cidades medias e pequenas: teorias, conceitos e estudo de caso* (pp.77-92). SEI.
- Mancuso, M. I. R., & Ramiro, P. A. (2010). De volta ao campo: estratégias para se viver a pobreza. *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, 2(2), 1-20. <https://doi.org/10.32760/1984-1736/REDD/2010.v2i2.4149>
- Massola, G. M., & Silva Junior, J. B. de A. (2019). Identidade de lugar e de trabalho entre trabalhadores rurais na fronteira Cotia-Ibiúna (SP). *Psicologia & Sociedade*, 31, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31i182046>
- Medeiros, M., & Pinheiro, L. S. (2018). Desigualdades de gênero em tempo de trabalho pago e não pago no Brasil, 2013. *Revista Sociedade e Estado*, 33(1), 161-187. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183301007>
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1-12.
- Moore, G. (1987). Environment and behavior research in North America: History, developments, and unresolved issues. In D. Stokols, & I. Altman (Eds.), *Handbook of environmental psychology* (Vol. 2, pp. 1359-1410). Wiley.
- Oliveira, B., & Mourthé, C. (2024). Autobiografia ambiental: uma análise qualitativa sobre o comportamento docente no ambiente universitário, segundo conceitos da psicologia ambiental. *Arcos Design*, 17(2), 515-530. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2024.82171>
- Oliveira, R. P. & Iriart, J. A. B. (2008). Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 437-445. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300004>

- Peto, L. C., & Veríssimo, D. S. (2018). Natureza e processo de trabalho em Marx. *Psicologia e sociedade*, 30, 1-11. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30i181276>
- Pinheiro, J.Q., Elali, G. V. M. A., Gurgel, F. F., Diniz, R. F., Farias, T. M., & Pol, E. (2019). In search of the hyphen: thirty-five years of Environmental Psychology in Rio Grande do Norte. *Estudos de Psicologia*, 24(1), 90-100. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20190011>
- Ramos, V. B. C. (2021). *Xenofobia contra nordestinos e nortistas nas escolas: a História como propositora de vivência intercultural* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás].
- Rueda, L. I. (1999). Investigación y evaluación cualitativa: bases teóricas y conceptuales. *Atención Primaria*, 23(8), 496-502. http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2007/T1-1SF/Canrobert/Investiga%E7%E3o_e_evolu%E7%E3o.pdf
- Saffioti, H. I. B. (2013). *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Expressão Popular.
- Santos, M. (1978). *Pobreza urbana*. Edusp.
- Santos, M. (1979). *Espaço e sociedade*. Vozes.
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Record.
- Santos, M. (2007). *O espaço do cidadão*. Edusp.
- Silva, K. B. & Macêdo, J. P. (2017). Psicologia e ruralidades no Brasil: contribuições para o debate. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 815-830. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002982016>
- Silva, R. C. C., & Toledo, M. R. (2023). *Ruralidades nas cidades pequenas da região imediata de São João del-Rei/MG*. *Revista Rural & Urbano*, 8(2), 105-125. <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.257239>
- Sposito, E. S., & Silva, P. F. J. (2013). *Cidades pequenas: perspectivas teóricas e transformações sociospaciais*. Paco Editorial.
- Tassara, E. T. O., Ardans-Bonifacino, H. O., & Oliveira, N. N. (2014). Psicologia socioambiental: uma psicologia social articulando psicologia, educação e ambiente. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 45(3), 425-435.